

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 13 — 13 DE JANEIRO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



diênne
ames



Neste número: As vedetas de Hollywood consagram "Cine-Jornal"



Morgado Mauricio fala do cinema e da «tournée», pela América do Sul, que vai iniciar dentro em breve

MORGADO Mauricio vai iniciar, dentro em breve, uma *tournée* pelo Brasil, Argentina e outras repúblicas sul-americanas. Tal foi a notícia que nos deram há dias, e que um encontro casual com o simpático artista, nos permitiu confirmar.

— Então, deabalada?...
— É verdade, voltou Morgado Mauricio. Nos princípios de Março, vou iniciar a minha *tournée* de canto, pela América do Sul. Actuariarei como «chansonnière» e tenho já garantidos vários contratos tentadores.

— Que motivos o levaram a tal resolução? A pequenez do nosso meio? Vontade de tentar a sorte?

— Tudo isso junto, talvez. No entanto, no nosso meio, tenho dificuldade em encontrar peças e papéis, adequados à minha maneira. Como sabe, o teatro de ópera, quasi não existe hoje entre nós. *Coração de Alfama*, onde trabalho actualmente, é uma excepção — que confirma a regra.

— E a revista?
— É um género a que me não quero dedicar, salvo se criassem papéis especialmente para mim. Não é uma questão de vaidade — creia, apenas, legítima defesa...

— E o cinema?! Não o tenta?
— Claro que sim. Mas sucede o mesmo do que com a revista. Não aceito qualquer papel. «Morrer sim, mas devagar»... Se aceitasse o primeiro que me oferecessem — e já me têm oferecido vários — correria o risco de me «queimar» ingloriamente, de ficar vencido, sem ficar convencido...

Morgado Mauricio tem razão, quando assim fala. Preza demasiadamente a sua carreira e a sua dignidade de artista, para a arriscar em brincadeiras sem consequências. No entanto, Morgado Mauricio é um valor, que pode dar, amanhã, o melhor da sua colaboração ao cinema português — quando se criar um papel, que se adapte à sua maneira e às suas características de actor.

A sua carreira é curta mas brilhante. Discipulo do maestro Trindade, obteve a carta de artista, antes de terminar o seu curso. Ao lado de Amélia Rey Colaço, trabalhou dois anos no Teatro Nacional. Foi a primeira figura masculina da ópera *O Solar das Picotas*, representada no Trindade, e tomou parte activa na *Miss Lisboa*.

No Porto, desempenhou a figura de Daniel na ópera *As Pupilas do sr. Rector*. Andou dois meses e meio, pela província, com a Companhia Eva Stachino e, actualmente, no *Coração de Alfama*, representa com a sua habitual distinção e à-vontade.

Morgado Mauricio vai colôr na América do Sul fartos aplausos e uma experiência, que só se adquire nos palcos estrangeiros, e que lhe vai ser preciosa — pela vida fora.

A sócia de Marlene

Há dias Paris movimentou-se. Marlene filmava em Paris, em pleno Boulevard — sem que ninguém se tivesse apercebido da sua chegada à Cidade da Luz, sem que nenhum fotógrafo houvesse fixado a sua silueta vampíresca. Houve quem duvidasse! Mas quando viram Marlene dentro duma «limousine» «beige» clarinha, e um fotógrafo, de câmara em punho, a fotografá-la, não tiveram remédio senão convencer-se.

Sabidas as contas, Marlene... não era Marlene — mas apenas a sua sócia. Enquanto a autêntica filmava em Hollywood, a falsa representava em seu lugar, as cenas de exterior, desenroladas em Paris. Depois, o montador fará o milagre. Intercalará os grandes planos precisos para convencer o público de que Marlene estava a filmar nas ruas de Paris — e lá, coitada, que não saiu de Hollywood...

Quem sucede a Thelma Todd?

No novo filme de Laurel & Hardy, *A Cigana*, extraído da célebre ópera americana do mesmo nome, Thelma Todd desempenhava, como se sabe, o principal papel feminino.

Entretanto, a vedeta foi assassinada. Já tinha intervindo em muitas cenas — que se terão agora de inutilizar. A Hal Roach, entretanto, procura uma vedeta que se assemelhe o mais possível à outra desaparecida — isto para se inutilizar o menos possível, no que toca a filme impressionado.

A vida de Alfred Nobel, na tela

Uma firma inglesa vai realizar, dentro em breve, um filme sobre a vida de Alfred Nobel, o célebre sábio sueco, que inventou a dinamite, e que, talvez para compensar os estragos que o seu invento tem provocado, criou o Prémio Nobel, a atribuir à personalidade que mais se evidenciou, de tempos a tempos, em favor da Paz.

O filme focará, sobretudo, a tragédia da vida do célebre sábio, que viu, pela primeira vez, os efeitos funestos do seu invento, na guerra franco-alemã, de 1870-1871.

Anna Sten, na «Metro»?

Ana Sten, a vedeta de *Nana* e da *Ressurreição*, vai, segundo se diz, interpretar, para a Metro, *Dangerous Rhythm*, depois do que será a vedeta dum filme de Joseph von Sternberg, sobre o qual, por ora, nada se sabe.

Como Lumière inventou o cinema

A *Comédie* publicou, recentemente, uma entrevista sensacional com Louis Lumière. Nela, o famoso sábio refere como, com o auxílio de seu irmão, descobriu o cinema:

— Tinha começado a construir um dispositivo concebido segundo bases de que hoje já não me recordo. Um dia, pela manhã, em 1894, fui ao quarto de meu irmão que estava muito maçado, por estar de cama. Declarou que, com as insónias, tinha resolvido os problemas que nos assobravam.

«Nasceu assim a ideia de perfurar a película e do tambor que a desenrola, imagem a imagem, ante o quadro banhado de luz.

«Meu irmão, numa noite, descobriu o cinematógrafo!»

AFINAL OS "GANGSTERS" EXISTEM!

LOS Angeles. Num restaurante. Uma criada serve à mesa. Entra um homem. Sentá-se. Passam-se dez minutos antes de que a pequena, um sorriso nos lábios, acuda, gentil. A freguesia assedia-a. O homem, «gangster» conhecido, pede ovos estrelados. Mais pedidos chegam. Porém, a pequena parece distraída. Qualquer coisa a preocupa. Amor, quem sabe?

Decorrem mais alguns minutos. O homem reclama. «Não me lembro do que me encomendou», responde pressurosa a criada. «Ovos», berra o cliente, colérico.

Mais dez minutos. A criada volta e coloca um prato de frente do «gangster». Não são ovos mas massa cozida. O homem não diz uma palavra. Friamente, saca dum revólver e abate-a.

Esta indiferença pela vida alheia, na América do Norte, é autêntica. Contam-nos os jornais, assim como relatam a morte de Vivian Chase, a «gangster» feminina, executada por um grupo rival: a de Lyggell, o honrado jornalista que quis enfrentar a onda do crime: e a de Thelma Todd, a simpática estrela cujo triste fim permanece envolto naquele mistério de que só a polícia americana tem o segredo... quando cheira a «gangsters».

Porque afinal há «gangsters»? Estes homens tenebrosos, armados até aos dentes, não são apenas um produto da tela. Eis onde queríamos chegar...

É que o cinema é a vida e só a vida vai colôr argumentos. Os filmes de «gangsters» são, por assim dizer, a transposição para a tela do que a cada passo acontece em Chicago, em Los Angeles, em Nova York, nessas trepidantes e diuâmicas capitais onde o crime é rei.

Muitos dos que viram «Scarface», «Herói Público n.º 1» e «Não se fala noutra coisa» sorriam-se, talvez, perante a velocidade com que as mortes se sucediam, o sangue frio exagerado dos protagonistas, a precisão dos trues empregados, e a desorientação da polícia.

A actuação dum Robinson ou duma Jean Arthur são vibrar pela intensidade dramática de que se revestia, graças ao talento excepcional daqueles artistas, mas, por outro lado, acharam talvez tudo aquilo um pouco forçado. Assim como a morte do negro em «Herói Público n.º 1» excessiva, e a cena, no cinema, fantasista.

«Ora, é frita», ouve-se à saída. Porém, nada mais verdadeiro, nada menos romance. É aquilo, sem tirar nem pôr. Se lhes disser que por 100 habitantes de cada uma das 1.388 principais cidades americanas há, pelo menos, um criminoso, talvez acreditem.

Sim, as estatísticas não mentem. Se-

não vejamos: durante os primeiros nove meses do ano passado deram-se ali 4.512 assassinios, 3.176 raptos, 299.600 roubos, 20.742 assaltos à mão armada, 132.487 arrombamentos e 90.030 roubos de automóveis. Uma linda conta, de facto!

O próprio Lindbergh não vem para a Europa fugido dos «kidnappers», que já ameaçam o seu segundo filho? Eis a justificação, para os que viram «Roubaram o meu filho».

Faltam os «crackeers». Estes exercem um respeitável ofício: a chantage. Controlam tudo: mercados, casas de chá, teatros, transportes, etc. Quem lhes não paga forte quantia não tem direito a negociar. Quem lhes resiste desaparece do número dos vivos.

São os herdeiros directos dos tempos da lei seca e dos «speak-easy». Apenas mudaram de processos. Vimo-los admiravelmente retratados na «Canção de Broadway».

Querem mais? Ainda duvidam? Os «gangsters» e os seus irmãos no crime, «kidnappers» e «crackeers», não são, pois fantasias da tela. Nem J. Walter Ruben nem John Ford, ou qualquer outro realizador de filmes policiais, improvisam.

Limitam-se unicamente a procurar no teatro da vida, os títulos gritantes dos jornais, entrecto para as suas produções. E isso, como acabam de verificar, não lhes é difícil...

«OPERADOR N.º 13»

Filmes interditos

Alguns filmes interditos ultimamente, pelas respectivas comissões de censura de vários países:

FRANÇA: *Tchapæev*, filme soviético.

ALEMANHA: *O Inferno de Dante* (Fox) e o filme alemão *O As dos Soldados de Infantaria*.

CHIECO-ESLOVAQUIA: *O Barão Cigano* (Ufa).

DINAMARCA: *Amok*.

AUSTRIA: *O Gato Preto* (Universal).

JAPÃO: *A Batalha*.

SUIÇA: *Cantão de Frigurgo*; *Noites de Nova-York*; *A Vertigem*, Harold, Missionário. *Cantão de Valais*; *Dedé & C.* Ilimitada. *O Ilustre Maurin*, Flirleuse. *Deixámos de ser crianças*; *A Vida Privada de D. Juan*, Os dois amores de Diana, *Tua mulher engana-te*, *A Grande Experiência*, etc.; *Cantão de Vaud*; *O Judeu Suss*.



Cinco «bezas perfeitas», admitidas, há pouco, nos estúdios americanos



Eleanor Powell sugere-se à «avaliação» da sua elegância. As linhas da mulher perfeita encontram-se esboçadas no vidro despolido da máquina. As suas coincidem exactamente!

OS FILMES DA SEMANA

Indicações para o exibidor e para o público

Gosto de todas as mulheres — É um filme de que todos gostam. Alegre, vivo, com lindas canções... e com Kiepara. Este conquistou, não há dúvida, o nosso público. A sua voz domina as plateias, em absoluto, e perdoa-se-lhe a tibieza do desempenho pela maravilha das canções que interpreta. Danièle Darrieux dá-lhe a devida réplica. É fresca e jovial como todo o filme — um dos êxitos do ano, sem dúvida alguma. (Estreado no Tivoli. Distribuição da Sonoro-Filme, L.^{da}).

O Crime e o Castigo — Um filme de grande classe e, sem dúvida, um dos melhores da produção francesa dos últimos tempos. Desempenho magistral de Harry Baur e de Pierre Blancher. O drama impressionante de Dostoiévski está posto na tela com uma verdade e uma pujança, maravilhosas. Ambiente certo, pesado, torturante. Em resumo: um drama de primeira ordem, que fica no Cinema, durante muito tempo. (Estreado no Central-Cinema. Distribuição de Raúl Lopes Freire, L.^{da}).

A Ilha do Tesouro — A famosa novela de Robert Louis Stevenson, transposta

para a tela com um tacto admirável. Realização perfeita, grandiosa, por vezes, e minuciosa, no desenho das figuras.

Dois grandes criações: Wallace Beery, na figura de Long John Silver, o velho pirata. Jackie Cooper, o Jim Hawkins, pequeno herói desta novela, que nos evoca o tempo dos tesouros escondidos e dos piratas — estilo «Capitão Morgan», com a sua bandeira negra, igada no tipo dos mestros dos elegantes veleiros, que eram o seu reduto. (Estreado no São Luiz. Distribuição da M. G. M.).

O Grande Nicolau — O primeiro filme dobrado em português. Técnica de «dubbing» acitável, se atendermos a que se trata do primeiro filme dobrado em Portugal. O interesse da obra reside sobretudo nos diálogos em português. A comédia, a pesar de não ser de boa factura, tem graça. E os diálogos de José Galhardo, «ditos» por um bom grupo de artistas, valorizam-nos muito. Em resumo — uma tentativa curiosa, que deve frutificar. (Estreado no Palácio e Odeón. Exclusivo de Filmes Império L.^{da}).

Greta Garbo, na Suécia

Greta Garbo continua na Suécia, onde tem sido alvo das maiores provas de simpatia. O Rei Gustavo, recebeu a grande vedeta em audiência particular, e testemunhou-lhe a mais viva simpatia.

Pamplinas, restabelecido

Buster Keaton (Pamplinas), encontra-se já restabelecido e está interpretando um filme para a Educational-Filmes. Depois da sua doença, o público interessou-se mais pelo artista, que viu a sua cotação aumentada...

Leitão de Barros vai realizar um filme em Espanha

Leitão de Barros, que regressou há pouco de Madrid, onde foi estudar a realização da versão espanhola de *Bocage*, vem encantado com as facilidades que deparou e com o entusiasmo de *nuestros hermanos*, pelo seu empreendimento.

Depois duma exibição particular das *Pupilos*, Leitão de Barros foi contratado, de verdade, por uma das maiores casas produtoras de Espanha e iniciará,

já, para ela, a versão espanhola de *Bocage*.

No verão, Leitão de Barros, além-fronteiras, e fazemos votos para que essa colaboração luso-espanhola só traga vantagens para o nosso cinema!

Regozijamo-nos sinceramente com o êxito de Leitão de Barros, além-fronteiras, e fazemos votos para que essa colaboração luso-espanhola só traga vantagens para o nosso cinema!

Shirley Temple é mentirosa!

O pai de Shirley Temple, Mr. Temple, o célebre banqueiro americano, declarou, recentemente, ao jornalista Th. H. Higgins:

«Minha filha tem a mania da mentira. Um dia, quando chegámos a casa, encontrámo-la lavada em lágrimas. «Fiquem aqui! Não entrem na sala!... parti o espelho grande». É claro, ficámos arreliados, pois tratava-se dum objecto de estimação e com um valor inegável. Mas tentámo-la consolar: «Como foi isso?... Não chores mais...»

E Shirley explicou:

— Foi assim... Um canário entrou pela janela... Poisou no espelho... Quis agarrá-lo... e o espelho caiu...

Qual foi, porém, o espanto dos pais, quando, ao entrar na sala, depararam o espelho intacto.

Shirley teve então uma transição e exclamou a sorrir:

— Foi tudo mentira! Quis ver, apenas, a cara que faziam!

E aqui têm com a linda mascote do regimento se ensaia...

O «écran» em vidro

A substituição da tela, por um «écran» de vidro — está, novamente, na ordem do dia, e encara-se como um marco para uma beneficiação técnica apreciável!

Há dias, foi experimentada uma nova tela... em vidro. Os resultados foram magníficos. As imagens definiram os seus contornos e não se deformavam

tanto, vistas sob os ângulos habituais de deformação.

O novo «écran» é um aglomerado de pequenas esferas vitreas, unidas por um cimento transparente.

Seduzido pela inovação, o gerente do «Salstrec», de Londres, vai instalar, na sua sala, um «écran» do novo modelo.

Os ingleses e as estatísticas

A Estatística é uma instituição simpática aos olhos dos ingleses. Pelo menos, todos gostam de saber metódicamente, os números e índices vários, que põe as coisas no seu devido pé e que são, por assim dizer, uma atribuição de valores.

Ultimamente, os produtores de filmes organizaram um inquérito para saber quais são os artistas mais populares em Inglaterra!

Os resultados foram os seguintes:

1.º Charles Laughton, 12.000 votos.

2.º George Arliss, 7.800 votos.

3.º Robert Donat, 4.300 votos.

A seguir, classificaram-se, Leslie Howard e Conrad Veidt.

Os filmes de Simone Simon

O primeiro filme que Simone Simon vai interpretar na América intitula-se *Mensagem a García*. Wallace Beery vai ser o seu parceiro, nesse filme.

Depois, será a protagonista de *Under two flags* (Sob duas bandeiras), com Ronald Colman, como «leading-man».



Mickey tem sido muito felicitado pelos seus êxitos. Eis algumas das mais célebres vedetas de Hollywood, a apresentarem-lhe os cumprimentos. Reconhecem-se, facilmente: Chaplin, Garbo, Pamplinas, Joe E. Brown, Eddie Cantor e Wallace Beery. E do outro lado: George Arliss, «Groucho» Marx, Oliver Hardy e Jimmy Durante.



Os irmãos Marx, ou três artistas num pé só...



Lionel Barrymore recebe a visita desta relíquia dos palcos de Broadway



Jean Parker parece querer competir com Maurcen O'Sullivan, no escalamento de árvores...



Nelson Eddy e Jeannette Macdonald, os intérpretes de Rosa Maria

Têm a palavra os nossos intelectuais

Fala Correia Marques, director do «Bandarra»

O cinema tem sido desvirtuado. Despreza-se quasi sempre a arte cinematográfica para se propagandear coscuvilheices sobre a vida íntima das celebridades de Hollywood.

As revistas, as mais importantes revistas do cinema de todo o mundo, transigem neste ponto com o publico. Raras, rarrissimas vezes, consagram artigos aos problemas e aspectos mais elevados da arte cinematográfica. Para que não nos façam a mesma acusação e porque nos interessam sobremaneira os aspectos superiores do cinema, iniciamos um inquérito entre os intelectuais portugueses.

Escritores, actores, pintores e todos os restantes artistas serão representados nesta excursão em que «Cine-Jornal» irá ouvindo hoje uns e amanhã outros; modificando as perguntas conforme as personalidades, assim conseguiremos focar facetas diferentes e mesmo antagonicas.

O cinema português nos seus muitos e variados aspectos ocupará sempre o primeiro lugar, o lugar que por direito deve ocupar.

Começamos pelos directores dos jornais literários: pela ordem que recebemos, assim publicamos as opiniões de Tomaz Ribeiro Colação—Fradique—Rodrigues Lapa—Diabo—e Correia Marques—Bandarra.

* * *

Correia Marques foi o primeiro a responder-nos. As suas respostas traduzem absolutamente a sua personalidade. Mostram uma pessoa ponderada—intelligentemente ponderada, o que é difícil. Como muito novo, sou apologista dos anti-ponderados, sou apologista dos impulsivos. Portanto a minha afirmação anterior não é duvidosa.

A-pesar do seu extenuante trabalho, como redactor principal da Voz, conseguiu fazer do Bandarra o jornal mais europeu, a-pesar-de ser o mais nacionalista. Demonstrou que, tendo-se talento, pode-se ser português sendo europeu. Não é uma demonstração nova mas é uma resposta áqueles que accusam o nacionalismo de restringir as possibilidades e a sensibilidade dos artistas.

Sobre o valor de Correia Marques não posso dizer nada; a sua modestia proíbe-mo.

* * *

Ao falar-lhe numa entrevista sobre cinema admirou-se:

—Uma entrevista? Eu não sou critico, nem técnico de cinema. Faço parte do respeitável publico e como tal só posso dar a minha opinião de espectador e apreciador de cinema. Nada mais. Se lhe serve para alguma coisa a minha opinião desta guisa, estou ás suas ordens.

—Comecemos então. Que orientação deve seguir o cinema português?

—Eu creio que o cinema português há-de estar condicionado pela nossa sensibilidade, pelas nossas qualidades (e pelos nossos defeitos, também, forçosamente) de inteligência e pelas circunstâncias da nossa vida individual e colectiva. Os costumes da gente portuguesa, as suas predilecções e tradições, a sua maneira de viver e sentir é que devem constituir assunto do cinema português. O mais será cinema cosmo-

polita feito em Portugal. Quando tivermos um cinema português bom e a industria cinematográfica for adulta e robusta e válida, poderemos tentar o cinema para toda a gente que vive sobre o orbe terraqueo. Entretanto devemos procurar fazer o cinema português perfeito. Até por interesse material. O nosso cinema cosmopolita, impreciso quanto a localização topográfica e psicológica, terá de ser ainda durante muito tempo, inferior ao estrangeiro, onde a industria desta arte está há muito próspera e portanto em condições de produzir largamente e bem. O cinema português, que diga ás gentes alienígenas os nossos costumes e os nossos sentimentos, o tom da nossa paisagem e da nossa alma, será sempre, desde que não caia no ridículo nem no disparate, curioso para os estranhos e por isso útil como elemento de propaganda e de comercialização do filme. Não acha?

—Estou absolutamente de acôrdo; qual, portanto, o melhor filme português?

—Depois do que fica exposto, entendendo que o melhor filme português—por enquanto pelo menos, será o género Severa e Pupilas.

—Acha que os argumentos para os filmes devem ser originaes ou adaptações de obras célebres?

—Eu preferiria que os argumentos fossem originaes em vez de adaptações de obras célebres. Mas isso depende do vulto que a industria cinematográfica for tomando. Claro que não pretendo discutir se é o órgão que cria a função ou a função que cria o órgão. Mas estas coisas andam muito independentes. Não há filmes originaes portugueses que se vejam, porque os autores não encontram ainda industria que lhes pague o esforço da criação do argumento original. E a industria não pode pagar porque ainda não encontrou obras que a fizessem progredir a ponto de poder mobilizar no seu serviço inteligências, que andam dispersas por outras provincias de literatura de imaginação. Que o argumento cinematográfico é perfeitamente rumo novo ou novo género da literatura de imaginação. Mas essas coisas hão-de ir ajustando o passo, pouco a pouco. As tentativas já feitas no cinema português demonstram que ele pode ser realizado sem ruína.

—Quais os problemas de maior importância que o cinema português deve focar?

—Os problemas de mais importância para o cinema português? Sei lá! Todos os problemas são importantes para o homem moderno. Enquanto não se criar uma escola de escritores para cinema, enquanto os nossos novelistas não virem ali um trabalho remunerador, teremos que ir andando pelos costumes, pela novelazinha sentimental, na moldura do regionalismo bem escolhido e da paisagem bem aproveitada pelos realizadores. Depois, virão os grandes problemas universais, no que tenham de relação com a vida portuguesa, os filmes correspondentes ás pegas de tese.

—Os filmes devem-se restringir a um carácter nacionalista?

—Entendo que os filmes podem ter carácter politico e nacionalista com vantagem, mas não deve ser essa, evidentemente, a preocupação única dos realizadores portugueses. Ne quid nímis, isto é: tudo o que é demais é molestia.

E prefiro sem dúvida os filmes optimistas. O que a gente do nosso tempo precisa é precisamente optimismo, coragem para fitar sem desânimos os horizontes enegrecidos de preocupações e cuidados. O optimismo é a saúde da alma. Os filmes derrotistas, que mostram só e sempre a insuficiência do homem perante os problemas que o assombram, e os filmes assestados, que põem o espirito do espectador só e sempre a luta feroz dos egoísmos e das paixões, não fazem bem. Olhe: ás vezes, ao contemplar, nos cinemas dos bairros, o gáudio do rapazinho ante os filmes americanos de «cow-boys», com liros, muitos cavalos aos pinotes, perseguições desenfreadas pela estepe, penso que tudo aquilo é uma perfeita escola de «salvagismo».

—Não acha que seria curioso um cinema especial para gente meuda?

—Faz-me impressão que não se tenha criado ainda esse cinema em que se exhibissem filmes de bonecos animados (é do género de cinema de que eu gosto mais, mas não diga nada a ninguém, que parece mal...), com filmes históricos bem feitos, com pequenos romances de aventuras um pouco á Julio Verne, actualizados, se quiserem, com aviões e rádio, etc., um cinema, enfim, que delectasse sem derrancar o espirito, nem criar no animo dos rapazes noções falsas da vida e também noções demasiado verdadeiras das misérias em que o homem anda atascado... Até como exploração industrial, esse cinema devia ser útil.

—Acha que devemos ir buscar os actores de cinema ao nosso teatro?

—Creio que não se pode dizer que os actores devam ser forçosamente de teatro ou forçosamente improvisados ou preparados extra-teatro. São evidentemente géneros diversos o teatro e o cinema, mas parece-me que devem encontrar-se no teatro muitos actores bons e optimos para cinema. Até deverão talvez procurar-se ali de preferência. O que não quer dizer que não se encontrem também fora do teatro optimos actores. A experiência dos filmes realizados em Portugal o tem demonstrado. Há ainda actores de teatro que não têm sido utilizados no cinema e que dariam certamente esplêndidos elementos para filmes bem portugueses. Samuel Diniz, Alves da Cunha, Erico, os galãs Benamor, Gamboa, e entre as senhoras Lucília, Amélia e uma quantidade de excelentes raparigas, que andam dispersas pelos vários palcos, darão um dia, quando o cinema possa aproveitar todos os valores, magnificos artistas de cinema.

Isto é a opinião dum sujeito que não se considera mais que apagada parcela do «respeitável» e vê as coisas apenas como espectador, servido por um pouco de bom senso. Mas não quero cerrar a nossa entrevista sem o felicitar e a todos os seus camaradas pela excelente obra que realizaram. A vossa revista é muito interessante, muito cheia de vida e brilho e há-de triunfar, porque o merece.

Tive que agradecer não só este elogio mas também a entrevista. Então as entrevistas com gente dos jornais merecem ser agradecidas, sinceramente agradecidas, pois são imensamente fáceis de escrever...

TELMO FELGUEIRAS

VIVER, lado a lado, com as estrêlas! Ser testemunha dos seus êxitos, tomar parte na sua vida agitada, ser confidente, conselheiro, amigo das vedetas da tela! Não acham que é uma perspectiva agradável?

Aparentemente, são essas as maiores vantagens de se ser secretário das artistas da tela. Mas já pensaram na paciência, na boa vontade, no bom humor constante que é preciso ter de reserva, para viver, junto dessas pessoas muito festejadas, muito ocupadas, muito nervosas também?...

Em França, os grandes artistas tramam, em regra, dos seus negócios e discutem os próprios contratos. Os secretários ocupam-se do volumoso correio, tomam nota dos «rendez-vous», mas não decidem nada, no capítulo de interesses... Em regra, não têm também que suportar as loucuras, as fantasias mais disparatadas — de que são testemunhas, dia a dia, os camaradas de além-Atlântico.

Falemos um pouco das vedetas francesas — e deixemos as americanas para depois.

Mary Glory tem um secretário amabilíssimo, na pessoa do sr. Guittet. O seu trabalho não é demasiado absorvente, visto que trata doutros assuntos.



Gaby Morlay teve, até há pouco, uma secretária, que era a providência dos jornalistas. Mas, actualmente, a grande artista tem uma organização própria, para a produção de filmes, «Filmes Gaby Morlay» — e deixou de ter secretária particular.

Madeleine Renaud confiou à sua criada grave, M.^{lle} Marie Vialle, o cuidado de tratar dos seus assuntos. M.^{lle} Vialle atende o telefone, transmite todos os recados a «Madame», e obtém fotos autografadas. Mas, no que se refere a contratos, é Madeleine Renaud quem intervém.

Suzette Mais recorreu aos bons serviços duma senhora, que guarda rigoroso anonimato. Esta misteriosa secretária consagra a Suzette Mais uma verdadeira afeição.

Annabella, como devem calcular, recebe um correio volumoso. É seu pai, quem, com o auxílio dum secretário, responde, com o orgulho que é de calcular, aos admiradores de sua filha, que lhe pedem um retrato autografado.



SECRETÁRIOS DE VEDETAS



Jean Murat, por seu turno, confiou a uma secretária, o envio de fotos autografadas, entrevistas, etc.

Meg Lemonnier dificilmente encontrará melhor secretária que sua mãe, que trata de quasi todos os seus negócios, incluindo contratos. O mesmo sucede com Pierre Blancher.

O «manager» de Henry Garat rodeou-se dum secretário que tem a missão de responder às cartas que o artista recebe.

* * *

Deixemos a França! Vamos, num salto, aos Estados Unidos. Ai, como sabem, adora-se a publicidade. Depois a celebridade das estrêlas é tal, que, o correio, lraz-lhes, por dia, milhares de cartas, com lódas as espécies de sugestões e pedidos. É naturalíssimo que as vedetas tenham secretárias e que lhes dêem que fazer.

No entanto, Greta Garbo, a divina — não tem secretário. Mas não se admire... É que o correio da vedeta escandinava atinge lãs proporções que se criou, na Metro, uma secção especial para responder aos milhões de adoradores do idolo.

Joan Crawford confia, também, ao «Publicity Department» da M.G.M. o seu impressionante correio.

Constance Bennett tem uma secretária, o que nos não deve admirar, porque se trata duma marquesa... Chama-se Gladys Young, é linda — e não quer fazer cinema. Acha emprego mais estável o de secretária de «Connie» — e prefere alurar a irascibilidade da estrêla a sujeitar-se às contingências da sorte.

Ginger Rogers arranhou o que se chama «uma companheirona», Miss Pathy Dubuis, que trata dos seus interesses, cada vez mais importantes. Quando Ginger viaja, Pathy passa a ser a sua melhor amiga. E não se calcula o que fez... Agora, que Ginger se casou, é natural que «assente» um pouco mais. Entretanto, evocam, muitas vezes, as suas loucuras de outros tempos, a sua mocidade ardente, tão difícil de dominar!...

Para se ser secretário dos Irmãos Marx é preciso ter uma calma, à prova de fogo. E se Miss Raquel Linden não endoideceu durante o tempo em que tem servido os célebres fantasistas, é porque nunca perderá o seu equilíbrio mental.

Ultimamente os seus patrões disseram-lhe: «É preciso comprar um cavalo de corridas». Dias depois, recebiam um telegrama, assim concebido: «Encontrei dois cavalos de corrida: um custa 50 dólares; o outro, 25.000. Qual devo comprar?»

(Conclui na pag. 15)

Crónica da Semana

luna, a mulher de banqueiro da Quinta Avenida. E de se morrer a rir.

Por estas e por outras é que Alexandre Korda fugiu de Hollywood para Londres. E aí está o seu «Henrique VIII» a mostrar a evidência que não se deve ter arrependido. Foi pena que não tivessem aproveitado a lição que deste filme se pode tirar. Há quem diga que dar conselhos é má prática: se são bem sucedidos ninguém agradece, mas se dão prejuízo é ao conselheiro que se assacam as responsabilidades.

Mas o que se vai dizer é mais uma opinião que um conselho e se o fôsse não teria, de resto, probabilidades de ser ouvido.

Dado que Cecil B. de Mille não abandonou a sua «Vocação histórica», não seria melhor que ele transpusesse para a tela o Wilson ou o Hoover?

Mas essa é que os americanos nunca lhe perdoariam...

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

NÃO nos custa a crer que a empresa produtora das «Cruzadas» se desse por muito satisfeita quando assistiu ao desenrolar da última cena do filme, assim como também estamos convencidos de que as suas previsões não saíram erradas: que foram em maior número os dólares que entraram em caixa do que aqueles que saíram.

O único a ficar desapontado teria sido o Cecil B. de Mille, mas talvez não...

Faz pena é ver gastar tanto dinheiro, para cuja soma aliás contribuímos também com uma pequena parcela, e afinal para se oferecer uma série de quadros estilo oleografia borala.

* * *

Como o mercado português pesa pouco, evidentemente, nos pratos da balança de Hollywood, pode-se tirar a conclusão otimista de que os públicos que frequentam cinemas «lá fora» não são superiores ao nosso, antes pelo contrário.

Consequentemente teremos em breve outra «super-produção» gigante, assombro de multidões, «Os Iluguenotes» ou «Napoleões», por exemplo.

Oxalá que Cecil de Mille não aborde as Descobertas, porque se não disser que foram os ingleses que descobriram o Brasil, não nos poupará pelo menos o desgosto de ter que ver Vasco da Gama a jogar ao «box» com o Samorim.

Embora não sendo nada conóscos, já nos bastaram aqueles continuos e formidáveis «directos» que vimos Ricardo-Coração-de-Leão assentar nos queixos do primeiro indivíduo que o arrelviava.

* * *

A estimativa das dificuldades que o tema escolhido oferecia devia o realizador ter juntado o exame das suas próprias possibilidades pessoais.

Nas «Cruzadas» houve heroísmo e menearismo; epopeia e saque. Uma realização humana, enfim, mas por sobre tudo havia a ideia bela que as determinára.

A tradução a fazer para o cinema teria, pois, de vir impregnada de emoção religiosa, sem por isso deixar de nos mostrar a rudeza dos costumes de então.

E viu-se bem que a pessoa menos indicada para tradutor era um americano protestante.

Mas o próprio carácter de documentário de que a película podia informar se perdeu, porque em muitos passos ela apresenta irregularidades aos olhos dos menos versados em assuntos históricos.

Aquele Rei de Navarra é inenarrável...

A reunião dos reis é de genuína insipração wilsonesca.

A figura de Ricardo-Coração-de-Leão está de tal forma interpretada que é de fazer perder a cabeça a um inglês. A sua escalada à janela da filha do Rei de Navarra é feita em puro estilo Douglas Fairbanks.

E a irmã do rei de França?! Tal e qual uma rapariga de princípios difíceis que chegasse, pelos azares da for-

Os filmes dobrados

NÃO foi plenamente justificada a expectativa do público ante o primeiro filme dobrado em português, ora apresentado nesta cidade.

Porque o «dubbling» nunca pode dar-nos com rigorismo a verdade do diálogo, verdade cuja falta o espectador sente em todas as partes do filme, a despeito da graça, de que a tradução portuguesa está recheada — «O grande Nicolau» não entusiasmou o público.

As deficiências de sincronização, falhas absolutamente justificadas, apesar desta dobragem apresentar um esforço técnico digno de registo e louvor, são a única causa, o grande motivo da falta de «almas» de toda a obra.

O espectador, cinéfilo ou não, habituou-se a ter exigências, se bem que a maior parte das vezes infundamentadas, e essas exigências aumentam, requintam, quando elementos portugueses dão

o seu concurso, qualquer que ele seja, a uma obra cinematográfica — e sobretudo quando há outros motivos, como no caso presente. No entanto, o maior descontentamento da massa despretenciosa do público, daquele a quem apenas interessa a textura geral da obra, derivou da maneira como foi feito o reclamo do filme.

Diziam os anúncios: «O grande Nicolau» dobrado em português com Vasco Sanl'Ana, Hortense Luz, etc., etc. Ora nisto não há nenhum erro, deficiência, nem desonestidade.

Mas, o público distraído, o espectador banal, a grande massa enfim, não reparou no «dobrado», se reparou não compreendeu, e foi muito convencido de que ia assistir à exibição duma película interpretada pelos anunciados e populares artistas.

Do facto ninguém tem culpa, a não ser os próprios espectadores, visto que essa ignorância não se explica na época que decorre, e a distração não justifica muitas atitudes tomadas.

Infelizmente o caso deu-se e só é lamentável que a base de muitos protestos, da sua grande maioria, auréola de ridículo quem os faz — muito embora ninguém queira saber do prejuízo alheio que ninguém cobre.

O bom humor dos espectadores

Referiram-se os jornais, com todos os pormenores, a um caso passado num cinema desta cidade e que seria dum picaresco inexcusável se não constituísse um aborrecimento superiormente desagradável.

Numa «matinée», durante a exibição dum filme de desenhos animados, uma criança fez ecoar, pela sala, as suas risadas cristalinas.

Parece que não há regulamento algum que obrigue o espectador a não achar graça, mesmo ao que lhe é apresentado sob um aspecto trágico ou dramático. Ora, tratando-se duma obra de desenhos animados, que os realizadores costumam impregnar de salutar comichão, é muito natural que todo o público ria e muito especialmente as crianças.

Mas, o chefe da polícia, de serviço no referido cinema, entendeu dever mandar retirar da sala o petiz, crêmos que sob o pretexto de perturbar a tranquilidade dos restantes espectadores.

E, o facto consmrou-se...

As «matinées» nos cinemas

Continuam a ser frequentadíssimas, cada vez mais e melhor frequentadas, as «matinées» que em dias da semana se realizam nos nossos cinemas.

Do seu público faz parte uma grande percentagem de crianças que dão a esses espectáculos um adorável e festivo ambiente, uma atmosfera que, por si, constitui um grande atractivo.

Quem puder não deve deixar de aproveitar esses espectáculos e muitas pessoas há que tendo experimentado, principiaram a dar a preferência a essas «matinées» — interessantes espectáculos, de enternecedor ambiente.

CARLOS MOREIRA



Jean Harlow, num intervalo de filmagens, conversa com Gertrude Elser, sua companheira nos palcos de Broadway



As Vecelitas de Hollywood Consagram CINE-JORNAL





*As
 Grandes telas
 da nossa
 figura são as
 melhores
 e os
 melhores
 votos*



CINE-JORNAL honra-se de publicar hoje esta galeria de retratos das mais célebres vedetas da tela, retratos dedicados à nossa revista, pelo próprio punho das vedetas — e que, pelas circunstâncias especiais em que nos foram enviados representam a consagração do nosso esforço, para manter «Cine-Jornal» num nível fora do comum, e, conseqüentemente, o reconhecimento de que conseguimos os nossos objectivos.

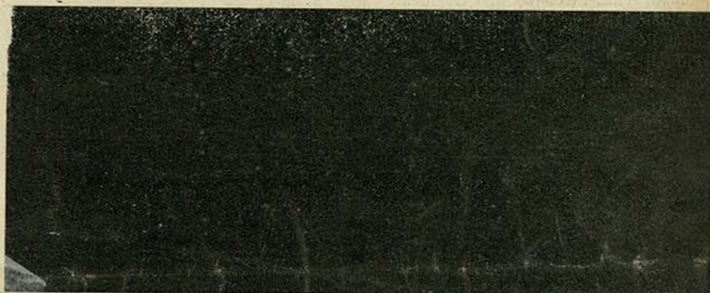
Com efeito, as fotografias que figuram nestas páginas, e na antecedente — não foram solicitadas. Limitámo-nos a mandar, para a América, «Cine-Jornal». E, dias depois, recebíamos uma carta amabilíssima de David Blum, um dos magnates da Metro, tecendo os maiores elogios à nossa revista e na qual nos informava de que, reconhecida a sua inegável categoria, passava a figurar na lista das poucas revistas mundiais, que merecem tratamento especial, fora da publicidade «em série», que a América exporta, semanalmente, para todos os jornais do globo.

Aos seus votos especiais de prosperidades, juntava os das principais vedetas do cinema americano. E enviava-nos os retratos, com os autógrafos autênticos dos respectivos artistas.

É possível que, ante tão sensacionais páginas, alguns duvidem da sua autenticidade... No entanto, a esses, limitamo-nos a dizer que esperem, dentro em breve, neste mesmo local, a confirmação de que se não trata dum «bluff», com algo de sensacional, inédito nas revistas de todo o mundo.



Norma Shearer, Clark Gable, William Powell, Jean Harlow, Weissmuller, Laurel & Hardy, Robert Montgomery, Jean Parker, Myrna Loy, Joan Crawford, Jeannette Macdonald e Spencer Tracy contam-se no número das maiores celebridades da tela. E se entre estas fotos não figura a de Greta Garbo, é porque, como informa amavelmente Dave Blum, «a divina artista não assina nunca fotografias...»



— «Impõe-se a realização dum grande filme colonial!»

Anda esta afirmação na boca de todos os portugueses que reconhecem ser necessário divulgar não só a obra levada a efeito por nós, no Ultramar, mas também a riqueza das nossas possessões ultramarinas, as suas possibilidades de exploração, etc., etc.

No que nem todos estão de acôrdo, segundo parece (se dermos crédito a alusões aparecidas nos jornais citadinos) é nas características e orientação dêsse filme.

Duas opiniões se têm generalizado, ambas dignas de estudo e até, porque não, de transitar dos domínios da opinião para o da realidade.

No entanto, por ora e em face das nossas modestas disponibilidades, deve-se preferir uma delas e é nisso que reside a razão dêste artigo.

* * *

Vejamos em que se resumem as duas opiniões:

Uma delas tem em vista (refiro-a apenas nas suas linhas gerais) lembrar a nossa obra de ocupação em territórios africanos, pôr em destaque alguma ou algumas das figuras mais brilhantes do passado.

Será, feitas as contas, um fragmento de história, onde se admirará a acção dum Portugal colonizador de outrora. Para tipo dêstes filmes, indica-se um, sobre a vida de Mousinho.



A segunda recusa o concurso da história, pelo menos como ponto de partida, e prefere a divulgação da nossa obra colonizadora actual.

Será um filme oportuno, com exemplos da nossa perfeita administração colonial, do trabalho construtivo dos colonos, da maneira como se exploram as riquezas coloniais e da natureza des-

Mousinho, satisfazem o fim em vista. Apenas, como disse atrás, darei a minha opinião sobre o assunto preferível.

O facto de, no estrangeiro, se optar por filmes caracteristicamente históricos, para lembrar o esforço colonizador dum pouco, não serve para justificar que, entre nós, se faça outro tanto. A não ser que, a par de simples alusões históricas, se dê ideia exacta sobre o desenvolvimento da colónia ou colónias focadas, estendendo a acção do filme até à actualidade, porque o interesse pelo que se faz no presente é maior que o dispensado às obras do passado.

O que lá vai, lá vai. Para um julgador, pouco, muito pouco, valor tem a conduta passada dum individuo, que se tornou criminoso. O facto de termos sido dos povos mais fortes no mar, não impede que Portugal hoje pouco valha como potência marítima.

O filme de características meramente históricas, faria com que, por amável deferência (aliás justa), se admitisse a nossa capacidade de colonizadores por atavismo; mostrar-nos-ia como um povo que vive do passado, quando necessitamos, perante o mundo, de apresentar as nossas colónias, como verdadeiras obras de actualidade, onde há progresso.

* * *

As épocas sucedem-se, com elas as civilizações e, até, para o nosso caso, as maneiras de julgar.

Não há hoje um único individuo (abstraindo cérebros doentios, não actualizados) que aceite recordações históricas, para apreciar o valor dum povo. Egípcios, gregos, romanos e tantos outros, tiveram a sua época; hoje, as suas possibilidades contestam-se com argumentos visíveis.

Isto quer dizer que os filmes históricos têm um interesse secundário, quando realizados para fins de propaganda colonial.

Justificar a preferência do segundo

tipo é tarefa mais fácil; não se trata de «meter uma lança em África» — expressão muito a propósito neste caso — mas avivar, na imaginação do leitor, o que fantasia, quando lhe ocorre este assunto.

* * *

Ao editar um grande filme de assuntos coloniais, pretende-se fazer propaganda, tanto interna como externa.

A interna, visa canalizar para as nossas possessões a enorme emigração portuguesa; a externa mostrar-nos às nações ambiciosas e aos severos julgadores de hoje, como um país colonizador, digno das suas colónias.

Qualquer delas exige que se revele o estado actual dos nossos territórios, o que temos feito e fazemos nelas, as suas riquezas inexploradas e a maneira acessível por que se executará essa exploração.

* * *

É esta a opinião modesta dum modesto apaixonado pelos destinos das nossas possessões ultramarinas. Mas orgulho-me (e neste ponto a minha decantada modéstia ressent-se da afronta do meu patriotismo) ao verificar que a nossa obra colonial é das mais brilhantes entre as brilhantes. Aquilo que vi e que conheço, justifica, quanto a mim, o meu orgulho.

Qualquer bom português, conhecedor do estado das nossas províncias de além-mar, sente orgulho semelhante e, a par dêle, defende a ideia de que é imprescindível editar, pelo menos, um grande filme colonial, hoje mais que nunca, para calar bocas sequiosas de deprimir aquela obra — sabe-se lá com que intenções...

Mas ousar repetir: não basta aceitar unicamente a ideia da utilidade dêsse filme; devemos cuidar, sobre tudo, da sua qualidade. Para fazer mau, para se cair no anacronismo dos filmes históricos, mais vale cruzar os braços — e esperar por melhores dias.

RAUL FONSECA



Evelyn Venable, O SONHO CÔR DE ROSA...

LEMBRAMO-NOS muitas vezes de *O Filho de Maria* e de *A Morte em Férias*; estes dois filmes revelaram-nos uma nova estrêla do céu de Hollywood: Evelyn Venable que merece, pela graça altiva, pela beleza cativante e pela alegria saudável, o epíteto — imerecedor de atenção entre as «girls» americanas alegres e ruidosas — de «Smiling Dream»... um sonho que sorri...

Este sonho nasceu em Cincinnati, a 18 de Outubro de 1914, numa venerável atmosfera de alta cultura intelectual; o pai de Evelyn Venable é, com efeito, o professor Emerson Venable, célebre em todo o mundo pelos seus estudos sobre Shakespeare e o seu tempo.

Este amor e este culto por Shakespeare devem ter sido a causa da carreira seguida pela filha; ela não tinha oito anos quando o pai a matriculou nas aulas do teatro Cincinnati, para aí conviver com Walter Hampden, célebre comediante shakespeareano nos Estados Unidos; o artista era um antigo amigo do professor Venable. O interesse comum por Shakespeare é que os juntou.

Evelyn não sonhava então que, dez anos mais tarde, seria a *Ofélia* ao pé de Hampden, no *Hamlet*; mas ela impressionou-se muito com o grande actor e o som da sua voz perdurou-lhe na memória.

Entretanto, ia às aulas, seguia o curso da Public School de Cincinnati; os seus estudos mais proveitosos recebiam-os ao pé do pai; estudava literatura e história, se bem que, aos doze anos, ela possuísse uma notável cultura literária que lhe proporcionou conquistar o primeiro lugar entre as melhores alunas da Escola.

Foi por esta época que o gosto pelo teatro começou a manifestar-se; a pouco e pouco, modificou as suas leituras, estudou obras dramáticas célebres e decorou os papéis de certas heroínas de Shakespeare.

No programa da festa anual da Escola, havia um espectáculo de teatro e Evelyn interpretou sempre um dos papéis e de tal forma o fazia que, dentro em poucos anos, estes espectáculos tornaram fóro de acontecimento sensacional; já não interessava só as famílias dos alunos, mas sim o meio teatral e a crítica.

Aos catorze anos, Evelyn representava o papel de Julieta... A imprensa de Cincinnati louvava-a entusiasticamente.

O seu destino está evidentemente traçado: ser actriz.

Um ano depois, estreia-se profissionalmente; coube-lhe o papel duma criança de *Dear Brudus*, uma peça estranha de James Barrie, que foi montada no Teatro de Cincinnati.

O pai de Evelyn tomou uma decisão importante: quis mostrar as possibilidades de sua filha a Walter Hampden; os Hampden passavam o verão numa herdade que possuem no campo. Obrigaram Evelyn a declamar a afamada cena do varandim de *Romeu e Julieta*. Hampden falou-lhe animadoramente mas não assentaram em nada de definitivo.

Passaram dois anos; Evelyn Venable seguia o seu curso na Universidade de Vassar; ganha vários prémios desportivos; mas nunca deixa de estudar a sua arte predilecta; nunca mais teve notícias de Walter Hampden. Depois de estar um ano em Vassar tem saudades do lar paterno, e pede transferência para a Universidade de Cincinnati.

Em Dezembro de 1931, chega finalmente uma carta de Hampden! É uma proposta: oferece-lhe um papel importante no *Cirano de Bergerac*.

Accepta e ei-la que parte para uma «tourné», através da América.

O teatro, Nova York, a vida, a civilização intensa e o cosmopolitismo, deslumbram-na. Os nervos ressentem-se assustadoramente, durante os primeiros tempos.

A sua vida calma e concentrada de rapariga estudiosa fica em cheque perante a agitação febril da artista em «tourné». Mas o grande desejo de triunfar encorajou-a e facilitou-lhe o combate cerrado que manteve contra todas as dificuldades e aborrecimentos que surgiram no início.

Esta peregrinação artística durou muitos meses; depois, vem para Nova York e só depois daqui chegarem é que Walter Hampden lhe comunica que vai interpretar a *Ofélia*.

Partem através dos Estados Unidos com o *Hamlet*... logo que a companhia chega a Hollywood pedem a Evelyn para filmar algumas cenas de ensaio... e imediatamente lhe oferecem um contrato pois satisfez em absoluto.

Já pudemos avaliar o seu encanto e a sua personalidade em *Filho de Maria* e *A Morte em Férias*.

O «Sonho côr de rosa» de Hollywood pode bem sorrir para o futuro: oferece-lhe belas, e maravilhosas promessas.

LUC MAURAN



OS NOSSOS FILMES

ZUZU

COM JOSEPHINE BAKER

O Pai Mélé, director dum circo ambulante, adoptou dois órfãos, que tratou pela vida fora, como se fossem seus filhos: Jean, filho dum atleta e Zuzu, uma mulatinha, filha do «clown» negro Cacao. Exibiu-os como «os gémeos fenómenos», um branco e outro café com leite, e os dois garotos julgavam-se na realidade irmãos.

Jean tinha um sonho: ser marinheiro. E, um belo dia, quando partiu, a bordo dum cruzador da marinha de guerra francesa, para fazer o seu serviço militar, julgou-se o homem mais feliz do mundo.

Zuzu ficou só em Toulouse, com o Pai Mélé, que se reformara, havia tempo.

Zuzu escreve assiduamente ao seu «irmão». E, quando regressa, cumorido o tempo de militar, leva para Paris, Zuzu e o Pai Mélé. Arranja o lugar de electricista no «Folies Bergères» e para o pai adoptivo, o de guarda da noite do Circo Médrano. E a família instala-se na rua Lepic, em pleno Paris.

Zuzu é empregada da casa de M.^{me} Vallée.

engomadeira. A sua vivacidade e a sua alegria, tornam-na no ídolo das suas camaradas.

As vezes, à noite, sai com Jean e com a sua colega Clara, filha de M.^{me} Vallée. Clara, é uma loira lindíssima e Jean não tarda em se apaixonar por ela, verdadeiramente. No «bal musettes» dançam ininterruptamente, enquanto Zuzu os espera, sozinha, numa mesa.

A certa altura, um rufião pretende brutalmente obrigá-la a dançar. Zuzu resiste. E lutam. Jean vê a cena. Com um sóco, prostra o brutamonte. E Zuzu nessa noite conta Pai Mélé, com um entusiasmo suspeito, que Jean, o querido Jean se bateu por ela.

Clara, entretanto, entristeceu. E que percebeu até que ponto Zuzu amava Jean! É claro, que não teme confrontos, em matéria de amor. Mas Zuzu é a sua melhor amiga e, por nada deste mundo, a quereria desgostar.

Todas as semanas, Zuzu vai ao Folies

levar a roupa dos artistas. De volta à engomadoria, imita a nova vedeta, Miss Bárbara, uma linda inglesa, sem grande vocação para o «music-hall» e que tem um protector rico e influente que ela detesta, e um «gigolo» pobre e insignificante, que ela adora!...

Certo dia, no camarim dos figurantes, Zuzu veste-se com um dos fatos de lham, para deslumbrar Jean. Este, divertido, para afinar um projecto, obriga-a a mimar uma cena qualquer, no palco, ante o pano que está corrido. Zuzu dança, desarticula-se, navega em pleno mar da fantasia. Um carpinteiro do palco, para lhe pregar uma partida, sobe o pano, sem que ela dê por tal. E o director do Teatro, que se encontra, na plateia, descobre, atônito, uma estrela nascente, animada por uma vida prodigiosa e brilhante! Zuzu, surpreendida, logo assustada. E o director lança-se em sua perseguição: «Agarrem-na! É simplesmente assombrosa! Preciso dessa mulher para a minha revista»...

Jean, entretanto, foi concertar um candeiro ao camarim de Miss Bárbara. A inglesa, obcecada pelo seu amor, só pensa no «gigolo», que parte, nessa tarde, para a Argentina. E Jean dá-lhe um conselho:

— Se ela gosta tanto dele — porque não vai para a Argentina também.

Miss Bárbara, no auge do entusiasmo, lança-se-lhe ao pescoço, precisamente no momento em que Zuzu, na sua fuga desviada irrompe no camarim!

Ante tal espectáculo, as suas dúvidas dissipam-se. Zuzu sabe então quanto o ama. E é com Clara, que ela desabafa!...

Nessa noite, Jean quis ir dançar com Clara. Zuzu, mortificada, fica em casa. Cerca da meia noite, dois homens trazem o Pai Mélé, que, ao fazer a sua ronda, caiu do alto das galerias do Circo Médrano. Mélé morre feliz a evocar os seus êxitos passados.

Zuzu, dilacerada pela dor, corre a prevenir Jean. Este saiu do cabaré para comprar cigarros. Zuzu vem em sentido contrário. Dois apaches discutem. Soa um tiro e um homem cai. Jean aproxima-se, pega no «revólver» e a multidão que o cerca aponta-o como o criminoso. Pobre Jean! O assassinado foi justamente o seu antagonista de dias antes, aquele que socara, para livrar Zuzu das suas importunações. Zuzu, porém, viu a cena toda. O criminoso fugiu pela

ponte. Mas de nada valem as suas declarações. E Jean é preso!

Para provar a sua inocência, para lhe assegurar a defesa dum advogado de nome, Zuzu resolve-se a lançar mão dos seus dotes artísticos invulgares.

E Zuzu é contratada. Os ensaios sucedem-se febrilmente, animados agora pelo «entrain» comunicativo de Zuzu, pelo seu entusiasmo. Modificaram-se várias cenas. Construiu-se uma gaiola dourada onde ela, qual ave de longínquas paragens, cantará uma melodia dolente, de amor e nostalgia.

A estrela redonda num êxito monumental. Zuzu conhece a glória e a fortuna. Mas continua triste, inquieta: Jean continua preso.

Uma noite, à hora do espectáculo, quando percorre maquinalmente os jornais, Zuzu grita, de alegria: no bandido que acaba de ser preso por roubo, e cuja foto o jornal reproduz, reconheceu o assassino do «bal musettes».

Como louca, deixa o «music-hall», sem querer ouvir as súplicas dos seus colegas. Corre a casa do juiz.

Enquanto o «régisseur», no teatro, inventa truques para «arrastar» o espectáculo, e faz «bisar» números insignificantes, Zuzu explica-se, faz uma «aeração» entre ela e o bandido. Zuzu reconhece-o formalmente:

— Quando ele poiseu a mão na antepara da ponte, reparei que tinha uma grande cicatriz na mão e um dedo amputado...

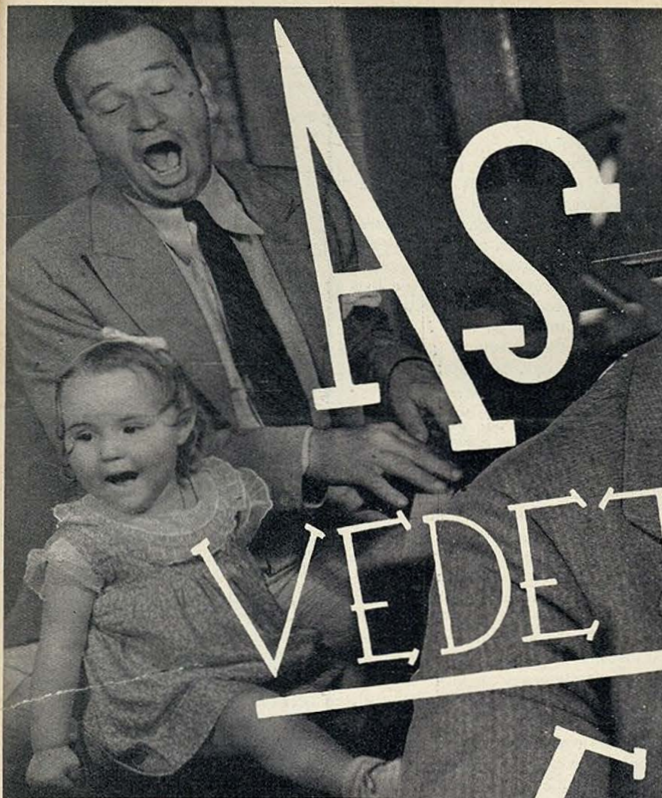
O juiz confronta. Não resta dúvida. Zuzu corre ao Folies. Entra no palco, louca de alegria. E o público acolhe-a com bravos e aplausos.

No dia seguinte, muito cedo, Zuzu meteu-se num «taxi», para ir à porta da prisão esperar Jean. Queria ser a primeira a abraçá-lo. Mas logo que se acerca, vê, de pé, ante a porta, Clara que procura, ansiosa, descortinar Jean, libertado!

Jean não tarda. Ebrio de felicidade caem nos braços um do outro. Abraçados, os dois apaixonados afastam-se, sem dar por ela.

Zuzu compreende por fim! Uma vez que o amor lhe não foi fiel, irá procurar no Teatro consolação para as suas mágoas. Prisioneira da sua gaiola dourada, continuará, todas as noites, a cantar a sua melodia de tristeza!





AS VEDETTAS



OS SEUS

beleza as mulheres. Foi o que se deu com Virginia Bruce, viúva do malogrado John Gilbert, que ganhou outro encanto, outra graça, depois do nascimento de Suzan Ann Gilbert.

Karen Morlay, Joan Bennett, Frances Dee, Joan Blondell, Sally Eilers e Dixie Lee são mães—há pouco tempo. Betty Rowe renunciou ao palco — para dar um filho a Henry Garat.

E todas elas, não obstante a sua condição de vedetas, das suas ocupações absorventes e avassaladoras, estão prontas a responder, com o seu exemplo, aos conceitos de muitas mães burguesas, que afirmam que «essas mulheres» nunca deviam ter filhos!...

R. S.

AS mulheres que vivem para o cinema, podem, à margem da sua profissão, experimentar a alegria de ser mães? Sim e não! Há quem defenda essa possibilidade e quem a negue terminantemente. Dum modo geral, para a vedeta que se pretenda «lançar» — a maternidade é um verdadeiro desastre. Mas para as que conquistaram a sua posição, dentro do cinema, os filhos são, em regra, as maiores alegrias da sua vida. Vidé, por exemplo, o caso de Françoise Rosay, casada com Jacques Feyder, que tem três filhos encantadores; de Norma Shearer, a mais devotada das mães, etc.

* * *

Às vezes, os filhos são os involuntários causadores de dramas pungentes. Lembrem-se de Francine Mussey?!

Estava em Berlim, a filmar *La Foule hurle*. O seu filho caiu à cama. Poucas horas depois, expirava. Esmagada pela dor, a artista teve que esquecer o seu desgosto. No dia seguinte, continuava a filmar.

Depois, começou a pensar no caso. Convenceu-se de que, se estivesse a seu lado — ele teria escapado. A ideia tornou-se numa obsessão. Ninguém a pôde convencer do contrário.

Pouco tempo depois, punha termo à sua dor. Morreu há pouco mais de dois anos! Lembrem-se dela?!

* * *

Na América, outro perigo mais grave do que a escarlatina ou as anginas diftericas, traz as mães inquietas pela sorte dos seus filhos. O «kidnapping», o rapto de crianças, assusta mais Marlene Dietrich, Norma Shearer, Gloria Swanson, e todas as vedetas ricas de Hollywood, do que a meningite ou

as febres tifoides. Os ordenados fabulosos que auferem, tentam os «gangsters». Qual é a mãe que hesitará em resgatar o seu filho — depois do exemplo de Lindberg?

* * *

As vedetas, os artistas de cinema, em geral, têm razão de se queixar da incompatibilidade da sua profissão com a maternidade. O próprio ritmo de vida, imposto pela sua condição de estrelas — é contrário a todos os preceitos que devem reger a educação dos filhos.

Quando trabalham, vão para o estúdio às 7.30 ou 8 horas da manhã. E em regra só voltam, lá para as nove da noite — no caso das filmagens não se prolongarem pela noite fora. Raramente, mesmo que vivam com eles, têm tempo de cuidar dos seus filhos. Entregam-nos aos cuidados de amas e de «nurses» — e, para isso, confessamos, mais vale não os ter.

* * *

Mas no cinema, também há mães extremosas. Às vezes, a maternidade em-





UMA INDISCRICÃO

A propósito de concursos e de cinéfilas que não concorrem

EU não sei se já repararam... Mas em todos os concursos de beleza, há sempre descontentamentos, desacordos, desilusões. E não nos referimos àquelas naturais decepções entre as concorrentes não bafejadas pela sorte ou pela simpatia do júri. Queremos aludir à decepção do público ao ver, nas revistas e jornais, a fotografia da eleita.

A frase, desoladora e sincera, é sempre a mesma:

— Parece impossível! Com tanta mulher bonita que há cá na terra!

E nunca as pessoas que assim falam, se lembram duma verdade, que é quasi sempre um dogma: — É que as mulheres bonitas — quasi nunca concorrem!

No entanto, elas mesmo não sabem furtar-se a alguns comprometedores comentários:

— Se eu não sou melhor do que a eleita, até me mato!

Mas não se matam, felizmente para nós. Limitam-se a consertar, com o «báton», os lábios mordidos com despeito, e a continuarem a nunca concorrer — porque os pais, as mães, e quasi sempre os namorados, não gostam...

Ora isto que se passa com os concursos de beleza, acontece, igualmente, com os de Cinema. Há sempre as cinéfilas que, «se concorressem, ganhavam com certeza» — mas que, não sabemos porquê, nunca concorrem!

E, assim, nunca se tornará possível, a um júri, escolher, amplamente, entre um numerosíssimo grupo de concorrentes, que se possa considerar «composto de todas as cinéfilas que gostariam de interpretar um papel num filme».

Acrecece ainda a circunstância de, para ser «vedeta» de Cinema, não ser preciso ser bonita.

Loretta Young, Conchita Montenegro, Lupe Velez — e tantas, tantas outras, ficariam, em beleza, a perder de vista ao pé de muitas burguesinhas que nós conhecemos...

No entanto, que encanto, que qualquer coisa de indefinível, sabem ter, no «écran», essas artistas!

Em Portugal, deve existir, mais do que em qualquer outro país — possivelmente pelo pouco desenvolvimento que, entre nós, o Cinema tem tido — esse erro fundamental que deve contribuir para que muitas cinéfilas não deem, nos concursos de Cinema, um ar da sua graça...

E agora, que já escrevemos estas ligeiras considerações a propósito de concursos, queremos cometer a indiscricção que prometemos no título. E consiste ela na publicação, nesta página, da fotografia que figura acima.

Os leitores não a conhecem? Pois apresentamos-lha com muito prazer. Trata-se de Lita Martins, uma rapariga de 17 anos, simpática e graciosa, que despertou a atenção de Leitão de Barros — que é sempre tão exigente nas suas escolhas e nas suas preferências...

Mas... nós contamos a história.

* * *

Uma colectividade de recreio, das muitas que existem na capital, resolvera dar um baile em honra do «Notícias Ilustrados».

Na noite da festa, compareceram, pelo jornal homenageado, o seu direc-

tor, Leitão de Barros, o Alvaro de Andrade e o autor destas linhas.

Tratava-se duma colectividade modesta mas simpática, e o director do «Ilustrado» não quis deixar de, pessoalmente, agradecer a gentileza conferida ao seu jornal.

A festa era promovida por um grupo de raparigas interessantes, que conseguiram fazer Leitão de Barros ir ao palco, onde lhe entregaram uma mensagem, que o levou a pronunciar algumas palavras amáveis, a agradecer.

Sabido é, porém, que Leitão de Barros nunca se esquece de que é um realizador de Cinema. E, logo à entrada, apontou-me uma pequena gentil que atravessava a sala, dizendo-me:

— Veja se sabe quem é...

Não era, de facto, muito difícil saber de quem se tratava. Era a senhora cuja fotografia publicamos hoje, Lita Martins, e que vive, com seus pais, perto da colectividade a que nós referimos.

A pedido de Leitão de Barros, troquei impressões com essa senhora sobre se gostaria de entrar num filme. Não havia de gostar! E, ainda a nosso pedido, Lita Martins enviou-me a fotografia que publicamos. Não a quis, porém, entregar a Leitão de Barros sem a mostrar, primeiro, aos leitores de «Cine-Jornal».

Leitão de Barros, que é um excelente camarada e «um bom coração», que sabe quanto custa, às vezes, descobrir assunto para um artigo, é até capaz de não se zangar e achar piada...

A gentilíssima Lita Martins, ao ver hoje aqui o seu retrato, há de concordar que eu não exagerava quando o elogiei... E, finalmente, os leitores de «Cine-Jornal» tiveram ocasião de travar conhecimento com uma futura artista portuguesa de cinema...

* * *

Vinha isto, se não me engano, a propósito das pequenas que não mandam fotografias para os concursos de Cinema.

ANIBAL NAZARE



Musette Santos, uma das indigitadas intérpretes de «Bocage», e que alia aos seus dotes de beleza, uma inegável intuição artística

Porque É Que Os Homens A Adoram?



Ela tem talvez alguns anos a mais do que a maior parte das suas amigas, mas possui um encanto irresistível e que a faz parecer mais nova do que a sua idade: é a doçura e o aveludado da pele e a frescura do seu rosto.

O seu segredo é o emprêgo da «mousse de crème». Misturar um pouco de «mousse de crème» no seu pó de arroz fá-lo aderir à pele durante todo o dia, mesmo com tempo chuvoso ou a pesar da transpiração provocada pela dança. O seu emprêgo continuo acaba logo, e para sempre, com os narizes luzidios. No Pó Tokalon, a «mousse de crème» é misturada cientificamente, no decurso da sua preparação, e precisamente nas proporções desejadas. É um processo exclusivo e registado da Casa Tokalon. Invisível na pele, o Pó Tokalon dá um rosto fresco, encantador, juvenil e exala um perfume subtil, atraente e cativante. O rosto adquire aquela frescura inefável e o atractivo de juventude que os homens tanto apreciam.

Os Compactos Tokalon contêm agora a «mousse de crème». O Pó e o Rouge são ambos muito aderentes. Qualquer coisa de novo, de diferente, de melhor.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

LIMPEZA DE PELES, MASSAGEM de conservação

Aplicação da MASCARA DE LAMA para o rejuvenescimento da pele. Tratamentos sob direcção médica na

Academia Científica de Beleza

Avenida da Liberdade, 35

TELEFONE 2 1866

LISBOA



STADIUM

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de ótimas e flagrantes gravuras por 1 escudo

FÉMINA

A melhor revista

feminina portuguesa

Publica-se todas as 6.ªs feiras,

CINE-JORNAL
GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO
Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES
Propriedade da Editora: Lda (em organização)
Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27
Telefone 2 1366 e 2 1227
Comp., impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda
Trav. da Condessa do Rio 27—Lisboa
ASSINATURAS (pagamento adiantado)
PORTUGAL
32 números 1 ano 48800
25 " 6 meses 24800
12 " 3 meses 12800
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano... 65800

(Conclusão da página 5)

A mexicana Carol Pradeau é a secretária de Myrna Loy. Myrna ensina o inglês a Carol. Esta paga-lhe na mesma moeda, iniciando-a nos mistérios da linguagem de Cervantes.

Frederich March tem o seu «duplo», como secretário. George Raft, quando foi para Hollywood, levou consigo o velho companheiro de Broadway, «Killer» Gray. Hoje, este desempenha as funções de secretário.

Há quinze anos, que Mme Bers Lewis administra todos os negócios, cinegráficos e extra-cinegráficos, de Mary Pickford. «Não há dinheiro que a pague», diz Mary!

Laura Harding, secretária de Katharine Hepburn, é a instigadora das excentricidades da vedeta. É vedeta de cinema, de vez em quando. A sua originalidade, não tem limites. Além de tudo — é riquíssima!

E para encerrar esta breve enumeração, falemos de «Fieldsie», secretária de Carole Lombard, e que, em Hollywood, é quase tão célebre, como a linda estrela. «Fieldsie», ex-bathing beauty, é animadíssima. Sai todas as noites com Carole, está ao corrente da sua vida sentimental, aconselha-a, aprova e desaprova o que ela diz e o que ela faz. Lindíssima, em elegância só pode competir com Carole — Madeleine Fields, que todos conhecem por «Fieldsie», é uma das mulheres mais curiosas de Hollywood!

Secretário de vedetas! Uma profissão como outra qualquer, afinal de contas.

Visado pela Comissão de Censura

A morte de John Gilbert

HOLLYWOOD, 9 — Com 39 anos, faleceu com uma síncope cardíaca John Gilbert, o célebre galã cinematográfico. A sua morte, pelo que teve de inesperado, impressionou profundamente Hollywood. Com a morte de Gilbert o cinema perde o seu último galã romântico, o único que se pôde considerar o sucessor de Rodolfo Valentino.

Annabella está á espera dum bebé?

PARIS, 8 — Annabella que, há pouco, casou com Jean Mural, espera, dentro em pouco, um bebé, segundo revela hoje um jornal, com uma indiscrição absolutamente parisiense. Interrogada sobre o assunto, Annabella limitou-se a sorrir e Mural, por seu turno, arriscou um «talvez», muito significativo!

Lilian Harvey sofreu um novo desastre

BERLIM, 9. — Lilian Harvey tem sido a mais azarenta das vedetas alemãs, em matéria de desastres de automóvel. Ontem, atropelou, frente ao Ufa-Palast, uma pobre velha, que atravessava a rua, fora do local de travessia dos peões. Por esse motivo, a vedeta não sofreu mais do que o susto e a arrelia.

Os «gangsters» em Hollywood

NOVA YORK, 10 — Após alguns meses de tranqüilidade, as vedetas voltaram a ser ameaçadas pelos «gangsters».

A morte de Thelma Todd parece ter sido o sinal do início da ofensiva.

As vedetas que têm filhos recebem diariamente ameaças de rapto das crianças, no caso de não depositarem determinadas quantias, em locais previamente indicados. Há casas, em Hollywood que se encontram verdadeiramente fortificadas e guardadas por polícias armados.

Marlene, segundo parece, abandona a América com receio de que sua filha seja vítima da ferocidade dos bandidos que, em vão, lhe pretendem extorquir dinheiro.

Novos filmes culturais da Ufa

BERLIM, 7.—A secção da Ufa dirigida pelo Dr. Nicholas Kaufmann ultimou os preparativos para a confecção de três novos filmes que fazem parte do programa de produção, para a presente temporada.

O primeiro filme desta série será dirigido pelo Dr. Martin Rikli com o título de *Problemas do vento* e dedica-se ao estudo das correntes atmosféricas. Com novos aparelhos de física, tornou-se possível operar a visibilidade, na tela, dos movimentos do ar e da formação de turbilhões, facto este que é de toda a utilidade para o estudo da segurança das carreiras aéreas e da aeronáutica em geral.

O Dr. Rikli dirigirá também outro filme, que se intitula *Batxamar e Praia-mar* e no qual demonstrará a influência do sol e da lua nas marés. As tempestades, cheias, e outros fenómenos da natureza, que se referem ao movimento das águas, serão escludados plasticamente no novo filme.

O terceiro filme da série tem por título *A Vida cômica dos cães* e será manivelado por Wolfram Junghans sob a

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

direcção científica do Dr. Ulrich K. T. Schulz. O novo filme estuda a diversidade de temperamentos dos animais, apresentando-nos os tipos de cães celericos, melancólicos, sanguíneos, fleugmáticos, e especialmente cômicos.

Miss Egipto e o Cinema

CAIRO, 6. — Miss Universo 1935, ou «Miss Egipto», acaba de aceitar a oferta duma firma londrina, para actuar num filme. «Miss Egipto» desdenhava o cinema, mas não resistiu à tentadora oferta de alguns milhares de libras, caídas do céu... ...de Londres.

O APTOFONE CUSTA apenas 100\$00 por uma só vez



De entre tantos aparelhos o APTOFONE é em toda a parte o preferido

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE Co., Ltd
Rua Nova da Trindade
LISBOA

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 13 — 13 DE JANEIRO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



NO PROXIMO NUMERO: JOHN GILBERT, O ULTIMO GALÃ ROMANTICO